

## As Obras

A povoação começou então lá para o extremo da cidade, nas imediações do Gasômetro e da cadeia. Daí foi se estendendo para o interior, abrangendo a rua da Bahia, a da Passagem, a curva do Pereira, a rua da Ponte, a da Igreja, a da Varzinha, a do Arvoredo e mais uma ou outra na vizinhança.

Neste sitio havia, aqui e ali, no alto do cerro ou na baixada do morro, uma ou outra choupana atamancada e de mau aspecto. Com o correr do tempo, a edificação predial foi melhorando a muito custo e não a olhos vistos, como pode parecer a muita gente.

O espaço destinado a povoação era, pode-se dizer, uma faixa de mato cerrado, que ia por aí além, onde viviam felizes, os caboclos com os seus enfeites de penas, empunhando o arco e as flechas.

Como era um pedaço agreste da natureza, depois que a noite baixava sobre a terra, ouvia-se uma ou outra vez o ruído das feras, que deixavam o antro para matar a fome que as devorava.

A proporção, porém, que o povoado crescia, com as suas modestas construções de pau a pique, barrados, como ninhos de João de barro, as feras buscavam fugir da convivência dos homens, internando-se pelos lugares mais distantes e desertos. Conta a tradição que na Curva do Pereira, hoje rua General Canabarro, a suas imediações, naquele barranco, onde existiam ainda, no alto, as ruínas do casebre - é que ficava a Cova da Onça.

Era um terreno acidentado, cheio de bibocas, árvores esgalhadas, pedras soltas, que davam ao sítio um pitoresco original.

Alta noite, quando os moradores da povoação ouviam os rugidos dos animais ferozes, saltavam da cama e empunhavam o trabuco de boca de sino, com receio que a fera forçasse a porta e penetrasse em casa. [...]

Achylles de Porto Alegre  
História popular de Porto Alegre, Editoria Globo, 1940.



















